

Representações sociais da amizade e influência da beleza no estabelecimento destas relações

Social representations of friendship and influence of beauty in establishing these relations

Adriano Schlösser¹, Brigido Vizeu Camargo¹, Gabriel Fernandes Camargo Rosa¹

RESUMO: Dentre os tipos de relações interpessoais, a amizade desponta como importante vínculo social. A beleza física, enquanto elemento influenciador na atração interpessoal é vista como elemento contranormativo neste tipo de relacionamento. Objetivou-se investigar as representações sociais da amizade e a influência da beleza no estabelecimento dessas relações. Participaram 120 indivíduos, distribuídos homogeneamente entre homens e mulheres, 60 deles fazendo parte do grupo de modelos fotográficos, e outros 60 com não modelos. Utilizou-se um questionário online autoadministrado, com respostas abertas e fechadas. Realizou-se análise estatística descritiva e relacional. Os resultados mostraram fraca associação entre relações de amizade e beleza física, sendo vista como um elemento negativo para o grupo de não modelos e para o sexo feminino. O grupo de modelos apontou dificuldades em estabelecer amizades, acreditando que as pessoas têm outros interesses além do vínculo de amizade, enquanto o grupo de não modelos acredita que pessoas belas têm muitos amigos.

Palavras-chave: Amizade; Atração Interpessoal; Beleza Física; Psicologia Social; Representação Social.

ABSTRACT: Among the types of interpersonal relationships, friendship emerges as an important social bond. Physical beauty, while influential element in interpersonal attraction is seen as negative element in this type of relationship. This study aimed to investigate the social representations of friendship and the influence of beauty in the establishment of these relations. 120 individuals, distributed evenly between men and women, 60 of them being part of the group of photographic models, and another 60 with no models. We used a self-administered online questionnaire with open and closed questions. A descriptive and relational statistical analysis. The results showed weak association between friendship and physical beauty, being seen as a negative element for the group of non-models and for females. The

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

group of models pointed difficulty establishing friendships, believing that people have other interests beyond the bond of friendship, while the group of no models believe that beautiful people have many friends.

Keywords: Friendship; Interpersonal Atraction; Physic Beauty; Social Psychology; Social Representation.

Introdução

A busca por conhecimento sobre relacionamentos de amizade ocorre desde a Antiguidade, mas a produção científica ainda se apresenta incipiente (Souza & Hutz, 2008). Até a década de 50, os pesquisadores não aceitavam pesquisar relacionamentos como objeto de estudo, em virtude de seu caráter “complexo e misterioso” (Berscheid & Regan, 2005, p. 65). A partir da década de 70, pesquisas sobre relacionamentos interpessoais ganham força, tendo em vista a percepção por parte dos cientistas sociais sobre os benefícios dos relacionamentos interpessoais na vida em sociedade (Souza & Hutz, 2008).

A literatura aponta definições multivariadas sobre a amizade, uma vez que não há uma definição única que se aplique a este fenômeno, variando de acordo com diversos determinantes, como: cultura, idade, sexo, estado civil, religião, etnia, raça, status profissional e/ou econômico e escolaridade. Outras variações também são consideradas, como: amizades do mesmo sexo e sexo oposto, amizades ao longo do ciclo vital, amizades ocasionais e de longa duração, amizades mantidas à distância, melhores amigos e amigos ideais (Fehr, 1996; Souza & Hutz, 2008).

Operacionalmente, o presente estudo define o fenômeno da amizade como sendo a interação de dois ou mais indivíduos, sem vínculos familiares nem sexuais, e que seja recíproca e iniciada voluntariamente. O critério de amizade não ser aplicado à família deve-se ao fato de que a relação entre membros familiares não ocorre por livre escolha. Além disso, o apoio social fornecido por familiares (pais ou irmãos, por exemplo) é diferente do viabilizado por amigos (Garcia, 2005). Possui as seguintes especificidades: forte componente afetivo e

preferência mútua, tendo por função a promoção de companheirismo, intimidade, segurança emocional, afeto, compreensão, cuidado e confiança (Fehr, 1996; Lisboa, 2005; Mendelson & Aboud, 1999; Souza & Hutz, 2007a, 2007b).

De acordo com Inácio (2011), as contribuições que as relações de amizade proporcionam no desenvolvimento individual e social atravessam três componentes: no componente afetivo, as amigadas colaboram para o desenvolvimento dos afetos presentes nas relações interpessoais; no componente cognitivo, as relações de amizade melhoram a comunicação e cooperação dos indivíduos, aumentando a qualidade do trabalho em grupo; e no componente social, as amigadas se apresentam como fator protetivo diante de adversidades (Rubin, 1982).

Atualmente, estudos voltados às relações de amizade têm associado-a enquanto elemento fundamental na promoção de bem-estar, *coping*, felicidade pessoal, saúde física e mental, qualidade de vida e aumento da expectativa de vida (Argyle, 2001; Berscheid & Regan, 2005; Cacioppo & Bernston, 2001; DeSouza & Cerqueira-Santos, 2011a, 2011b; Fehr, 1996; Souza & Duarte, 2013). Com o advento de tecnologias de comunicação virtual, as relações sociais também têm apresentado novas configurações, sendo a amizade uma das formas de relação estabelecida (Assunção & Matos, 2014; Azevedo et al., 2015; Gomes & Silva Junior, 2014).

Estudos nacionais têm se debruçado no estudo sobre as relações de amizade (Azevedo et al., 2015; Bee, 2007; DeSouza & Cerqueira-Santos, 2011, 2012; Rocha & Raseira, 2015; Souza & Duarte, 2013; Souza & Hutz, 2007a, Souza & Hutz, 2007b, Souza & Hutz, 2008). As produções também têm apresentado a relevância dos relacionamentos de amizade no desenvolvimento humano, avaliando como se configuram as amigadas durante cada uma das etapas do ciclo vital (Berger, 2003; Sousa & Cerqueira-Santos, 2011), bem como associada a outros fenômenos sociais, como relações amorosas, educação, escolha de profissão e

comportamento de risco, por exemplo (Campos, 2004; Inácio, 2011; Jorge et al., 2015; Lisboa & Koller, 2005; Michels, Cordeiro & Tavares, 2011; Oliveira et al., 2007; Peron, Guimarães & Souza, 2010; Tortella, Vivaldi & Souza, 2012).

Em estudo realizado por Silva (2015) sobre os valores priorizados por estudantes de psicologia, 70% apontam a amizade e a inteligência como os principais valores, sendo eles o meio para a obtenção de dinheiro e status social, indicando assim uma função pragmática para as relações de amizade. Considerar a amizade como um valor importante também foi identificado em estudos anteriores, como o de Duarte e Souza (2010), que identificaram como características relevantes em uma relação de amizade, dentre outros elementos, a aliança confiável, intimidade, respeito/aceitação e afinidades, bem como o estudo de Moreira (2009), em que os participantes associam à amizade valores como honestidade, justiça, estudo, dentre outros.

Dentre os atributos associados à gênese e manutenção da amizade, a beleza física costuma não estar presente nos discursos sociais, devido ao seu caráter contranormativo (Schlösser & Camargo, 2015). Isso ocorre devido ao fato de ser socialmente indesejado apontar que uma relação de amizade foi iniciada ou mantida pela beleza física de outra pessoa. Estudos apontam que, na avaliação inicial para iniciar uma relação de amizade, indivíduos que apresentem atributos pessoais considerados pelo avaliador como muito abaixo para uma possível amizade, passam a ser apontados como menos interessantes, bem como um possível risco de taxaço social (Bleske & Shackelford, 2001; Vigil, 2007). Já indivíduos com atributos pessoais muito acima também são evitados, uma vez que aumentaria o risco de rejeição e exploração, bem como colocaria o avaliador da nova amizade em baixa visibilidade social.

Conceitua-se a beleza física como sendo um dos atributos pessoais que influenciam na gênese das relações interpessoais, mais especificamente na atração interpessoal (Jesus, 2011;

Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2005). A consciência da própria beleza física e do outro interfere diretamente nas interações sociais, influenciando na forma como se lida com o corpo (Vala & Monteiro, 2006). Neste aspecto, a imagem externa do corpo apresenta-se como um mediador do espaço social no qual o indivíduo está inserido, atuando como mediador do conhecimento do outro e de si (Jodelet, 1994; Jodelet et al. 1982). Neste estudo, a hipótese levantada é que indivíduos considerados socialmente como belos devido ao seu trabalho possuem dificuldade de estabelecer relacionamentos de amizade com pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo, tendo por critério principal a aparência.

Os atributos avaliados pelos indivíduos no julgamento de características de um possível amigo são estabelecidos mediante a uma série de explicações e valores, guiando as ações das pessoas ao orientar suas práticas sociais (Abric, 1998; Jodelet, 2001). A amizade, ao compor o quadro das relações interpessoais, também é influenciada por conceitos, valores e percepções socialmente elaboradas. Nesse aspecto, as representações sociais (RS) da amizade passam a ser um dos atributos que norteiam o modo como a amizade é socialmente compreendida.

Moscovici (1978) define as RS como um conjunto de afirmações, conceitos e explicações que formam uma teoria do senso comum, inserida no universo das opiniões e conceitos dados aos fenômenos do cotidiano. Jodelet (2001) enfatiza que as RS são uma forma de conhecimento elaborado e partilhado socialmente, com um objetivo prático, convergindo para a construção de uma realidade comum a um grupo social sobre um determinado objeto. A partir destas representações, pode-se acessar a maneira como indivíduos compreendem determinado fenômeno e quais atitudes tomam frente ao mesmo, atuando como um guia para a ação (Abric, 1998).

Tendo em vista que as RS são uma forma de conhecimento que busca transformar o estranho em familiar, dois processos cognitivos socialmente regulados são originados para o

funcionamento de uma RS: objetificação e ancoragem. O processo de objetificação configura-se como a forma de organização dos elementos da representação, assim como o caminho por meio do qual os elementos serão materializados em significados e ideias, tornando-se expressões da realidade. Já a ancoragem é refletida como o processo pelo qual se classificam as informações sobre um dado objeto social em relação a estruturas de saberes já existentes, havendo certa coerência entre ao conhecimento novo e aquilo que já existe (Vala, 1996), dependendo assim de uma memória coletiva (Moscovici, 2003). Até o presente momento, não foram identificados estudos específicos sobre RS da amizade, nem a relação desta com o fenômeno da beleza física, justificando assim seu caráter inédito.

Método

Este estudo de campo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza descritiva e comparativa, considerando que a pesquisa busca descrever determinado fenômeno. Também se caracteriza pelas seguintes especificidades: transversal e de amostragem intencional (Barbetta, 2012).

Participantes

Participaram 120 indivíduos, com média de idade de 22, 8 ($DP= 4,27$), distribuídos de modo equivalente entre homens e mulheres, sendo 60 deles fazendo parte do grupo que atuam como modelos fotográficos, e outros 60 com indivíduos que cursam algum curso de Ciências Exatas ou Tecnológicas, fazendo parte do grupo de não modelos. A média de idade do sexo masculino foi de 24,37 ($DP= 4,72$), e do sexo feminino 22,7 ($DP= 4,17$). A média de idade do grupo de modelos foi 23,53 ($DP= 4,49$), enquanto do grupo de não modelos foi de 22,07 ($DP= 3,94$). As variáveis sexo e grupo foram controladas, para averiguação de possíveis diferenciações. A seleção dos grupos ocorreu devido à relação que os mesmos tinham com o fenômeno da beleza física. O grupo de modelos foi selecionado devido à sua profissão estar diretamente relacionado ao fenômeno da beleza física. O grupo de não modelos foi escolhido

com acadêmicos de cursos que, profissionalmente, estivessem mais distantes do fenômeno da beleza física, embora não fosse possível descartar a importância que a beleza tenha em suas relações interpessoais.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário *online* autoaplicável de respostas abertas e fechadas, com 2 blocos de questionamentos: a) *Caracterização da amizade*: quantidade de amigos que o participante possui/revisão desta quantidade através de uma definição operacional sobre amizade; b) *Instrumento de identificação de elementos sobre RS com objeto indutor “amizade”*: composta por vinte estímulos: “intimidade, ciúme, confiança, cuidado, tempo, conflito, respeito, falsidade, submissão, contato físico, proximidade, críticas, honestidade, timidez, desapego, tolerância, rivalidade, traição, coerção e dedicação mútua”, originados de estudos anteriores (Argyle & Henderson, 1985; Bell, 1981; Fehr, 1996; Maeda & Ritchie, 2003; Mendelson & Aboud, 1999; Mendelson & Rhee, 2003; Souza, 2006; Souza & Hutz, 2008) em itens seguidos de uma escala numérica de cinco pontos, em que os participantes associaram as palavras com o termo desencadeador “amizade”, tal que um (1) corresponda a “mínima identificação” e cinco (5) “máxima identificação”; c) *Índice de polaridade de elementos sobre RS com objeto indutor “amizade”*: a partir dos estímulos do instrumento de identificação, solicitou-se que lhes fosse atribuído uma valoração positiva ou negativa para cada palavra escolhida, mediante uma sinalização; d) *Instrumento de importância de elementos associados à amizade*: escolha dos 10 elementos associados à amizade presentes no instrumento de identificação, que os participantes consideraram mais importantes; e) *Instrumento de afirmações sobre a influência da beleza física no estabelecimento de amizade*: Foram apresentadas 10 afirmações (cinco positivas e cinco negativas) que retratam concepções diversificadas sobre a influência da beleza física no estabelecimento de amizades, onde os participantes responderam, por meio de uma escala do tipo Likert, com variáveis de

um (1) a cinco (5), em que um (1) corresponda a “discordo totalmente” e (5) “concordo totalmente”. O segundo bloco de questões conteve as demandas sócio-demográficas: idade; sexo; escolaridade e atividade profissional. Tais questões objetivam trazer uma identificação geral dos participantes.

Procedimentos

Coleta de dados: Inicialmente foi realizado um estudo piloto com 20 voluntários. Posteriormente, realizou-se contato presencial em agências de modelos e coordenações dos cursos de graduação, explicando os objetivos da pesquisa e obtendo a liberação para acesso aos participantes. Após acesso aos *e-mails* dos participantes, foi enviado a todos o *link* da pesquisa, visando a realização *online*.

Análise de dados: Realizou-se análise estatística descritiva (média, desvio padrão, distribuição de frequências) e relacional (teste do Qui-quadrado, teste-t de *Student*). Os dados foram digitados em uma planilha e analisados com o auxílio do programa estatístico (SPSS-versão 17.0).

Considerações Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, sob parecer n. 242.985. Os participantes, antes de iniciar o questionário *online*, tiveram acesso a algumas informações sobre a pesquisa, e a garantia do sigilo das informações, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, podendo parar de responder o questionário a qualquer momento.

Resultados

A média inicial de relações de amizade do sexo masculino foi de 38.73 ($DP = 77.60$), e após a definição operacional foi para 10.53 ($DP = 5.84$). A mesma alteração ocorreu com o sexo feminino, uma vez que inicialmente tiveram uma média de 25.97 ($DP = 40.87$) e, após a frase, o escore foi para 10.32 ($DP = 7.59$). Com relação aos grupos, o grupo de modelos

apresentou um escore inicial de 42.62 ($DP = 85.56$) e após a frase apresentou média de 8.68 ($DP = 4.92$). Para o grupo de não modelos, a média inicial foi de 22.08 ($DP = 15.47$) e, após a frase, foi de 12.17 ($DP = 7.83$). A diminuição nas médias, tanto por sexo quanto por grupo, sugere que os participantes possuem uma ideia abrangente do conceito de amizade. Após a definição ser apresentada, houve uma diminuição na quantidade de indivíduos anteriormente apontados como amigos, possivelmente devido à maior reflexão de valores e crenças a respeito desta relação interpessoal.

De acordo com os resultados do instrumento de identificação de elementos sobre as representações sociais com objeto indutor “amizade”, a média geral de identificação foi de 2.81 ($DP = 0.85$). Foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre as médias por sexo, atribuídas aos elementos: “ciúme” e “rivalidade”, indicando assim a relação entre o sexo e a medida de identificação dos participantes frente a esses elementos. Com relação aos grupos de modelos e não modelos, os elementos que apresentaram diferença estatisticamente significativa ($p < .05$) foram: “intimidade”, “proximidade”, “tempo” e “dedicação mútua”, “tempo” e “beleza física”. A Tabela 1 apresenta as médias e desvios padrão dos elementos.

Tabela 1

Elementos com maior ou menor identificação frente o estímulo “amizade” em função das variáveis sexo e grupo.

Dimensões da Amizade	Sexo		Grupo								
	Masc.	Fem.	Modelo	Não-modelo							
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p-value</i>	<i>M</i>	<i>M</i>	<i>t</i>	<i>dp</i>	<i>p-value</i>
			<i>DP</i>				<i>DP</i>	<i>DP</i>			
Intimidade	4.58	0.81	4.58	.000	118	.1	4.73	4.43	2.0	10	.003*
			0.79				0.60	0.93	9	2	
Ciúme	1.80	1.17	2.30	2.29	118	.002*	2.02	2.08	0.2	11	.76
			1.21				1.28	1.15	9	7	
Confiança	4.87	0.39	4.83	0.43	115	.66	4.88	4.82	0.8	11	.39
			0.46				0.37	0.47	6	2	

Cuidado	4.12	0.86	4.28 1.09	0.92	112	.35	4.17 0.92	4.23 1.04	0.3 7	11 6	.71
Tempo	3.98	1.01	3.70 1.12	1.44	117	.15	4.13 1.00	3.55 1.08	3.0 7	11 7	.003* *
Conflito	2.13	1.01	2.08 1.06	0.26	118	.79	2.10 1.05	2.12 1.02	0.0 8	11 8	.93
Respeito	4.77	0.65	4.82 0.47	0.48	108	.62	4.80 0.63	4.78 0.49	0.1 6	11 1	.87
Falsidade	1.08	0.33	1.25 0.68	1.70	86	.09	1.23 0.65	1.10 0.40	1.3 5	98	.17
Submissão	1.22	0.55	1.18 0.57	0.32	118	.74	1.22 0.58	1.18 0.54	0.3 2	11 7	.74
Cobrança	1.73	1.03	1.70 0.98	0.18	118	.85	1.62 0.99	1.82 1.01	1.0 9	11 8	.27
Proximida de	4.08	0.85	4.10 0.84	0.10	118	.91	4.25 0.75	3.93 0.90	2.0 9	11 4	.03*
Beleza física	2.05	0.93	1.92 1.19	0.68	111	.49	2.27 1.16	1.7 0.89	3.0 0	11 0	.003* *
Honestida de	4.52	0.93	4.68 0.59	1.16	101	.24	4.72 0.69	4.8 0.85	1.6 4	11 3	.10
Concorrên cia	1.52	0.93	1.28 0.78	1.48	115	.14	1.40 0.85	1.40 0.89	0.0 0	11 8	.1
Desapego	1.68	1.03	1.82 1.04	0.70	118	.48	1.70 1.12	1.80 0.95	0.5 2	11 5	.60
Tolerância	3.98	0.77	3.67 1.14	1.77	103	.07	3.78 0.94	3.87 1.03	0.4 6	11 7	.64
Rivalidade	1.45	0.83	1.17 0.46	2.31	92	.02*	1.22 0.58	1.40 0.76	1.4 7	11 1	.14
Traição	1.23	0.70	1.20 0.54	0.29	112	.77	1.22 0.71	1.22 0.52	0.0 0	10 8	.1
Coerção	1.57	1.00	1.65 0.84	0.49	115	.62	1.52 0.91	1.70 0.92	1.0 9	11 8	.27
Dedicação Mútua	4.07	1.11	4.10 1.16	0.16	118	.87	4.30 1.04	3.87 1.18	2.1 2	11 6	.03*

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Fonte. Os autores

O elemento “ciúme” apresentou diferença estatisticamente significativa [$t(118) = 2.29; p < .05$], com a média superior do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Já o elemento “rivalidade” apresentou diferença estatisticamente significativa [$t(92) = 2.31; p < .05$], com média superior do sexo masculino em relação ao sexo feminino.

Em relação às diferenças entre os grupos, todos os elementos com diferença estatisticamente significativa apresentaram média superior do grupo de modelos em relação

ao grupo de não modelos. Os elementos foram: “beleza física” [$t(110) = 3; p < .01$]; “tempo” [$t(118) = 3.07; p < .01$]; “intimidade” [$t(102) = 2.09; p < .05$]; “proximidade” [$t(118) = 2.09; p < .05$]; e “dedicação mútua” [$t(118) = 2.12; p < .05$]. Os demais elementos não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, o que se considera maior homogeneidade na identificação destes elementos para ambos os grupos.

Com relação aos resultados provenientes do índice de polaridade de elementos sobre as representações sociais com objeto indutor “amizade”, a Tabela 2 apresenta as percentagens positivas e negativas dos resultados atribuídos aos sexos e grupos aos elementos voltados à amizade. O elemento “beleza física” apresentou diferentes polaridades entre os sexos, indicando que a valorização da beleza física em relações de amizade é percebida de modo diferenciado entre os sexos.

Tabela 2

Percentagem da polaridade de elementos sobre as representações sociais com objeto indutor “amizade”

Dimensões da Amizade	Sexo				Grupo			
	Masculino		Feminino		Modelo		Não-Modelo	
	+	%	+	%	+	%	+	%
Intimidade	100	0	100	0	100	0	100	0
Ciúme	11,7	88,3	15	85	16,7	83,3	15	85
Confiança	100	0	100	0	100	0	100	0
Cuidado	96,6	3,4	95	5	95	5	96,6	3,4
Tempo	91,6	8,4	86,6	13,4	90	10	88,3	11,7
Conflito	6,7	93,3	5	95	6,7	93,3	5	95
Respeito	100	0	100	0	100	0	100	0
Falsidade	0	100	0	100	0	100	0	100
Submissão	1,7	98,3	1,7	98,3	1,7	98,3	1,7	98,3
Cobrança	8,4	91,6	8,4	91,6	8,4	91,6	8,4	91,6
Proximidade	96,6	3,4	96,6	3,4	96,6	3,4	93,3	6,7
Beleza Física	63,3	36,7	43,4	56,6	58,3	41,7	48,4	51,6
Honestidade	98,3	1,7	100	0	98,3	1,7	100	0
Concorrência	8,4	91,6	3,4	96,6	8,4	91,6	8,4	91,6
Desapego	21,7	78,3	18,4	81,6	16,7	83,3	23,4	76,6
Tolerância	98,3	1,7	90	10	90	10	98,3	1,7
Rivalidade	0	100	0	100	0	100	0	100
Traição	0	100	3,4	96,6	0	100	3,4	96,6
Coerção	8,4	91,6	20	80	16,7	83,3	11,7	88,3
Dedicação Mútua	96,6	3,4	92,6	7,4	90	10	98,3	1,7

Fonte. Os autores.

De acordo com a Tabela 2, em relação aos grupos, mesmo o elemento “beleza física” estando positivo para o grupo de modelos, não apresenta a mesma homogeneidade que os demais elementos em relação à sua valoração. Assim como ocorreu em relação ao sexo, o grupo de modelos e não modelos diferiram na polaridade frente ao elemento “beleza física”, indicando formas diferentes de perceber a influência da beleza dentro das relações de amizade. Os demais elementos não diferiram em suas polaridades.

Os resultados do instrumento de importância de elementos associados à amizade apresentaram média geral de 6.86 ($DP = 2.19$). Observaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) entre as ordens médias por sexo, atribuídas aos elementos: “cuidado”, “tempo” e “proximidade”. Com relação aos grupos de modelos e não modelos, os elementos que apresentaram diferenças estatisticamente significativas foram: “tempo”, “proximidade”, “tolerância” e “dedicação mútua”, conforme se observa na Tabela 3. Ressalta-se que, nesta escala, quanto menor a média, mais importante o elemento se apresenta aos sexos e grupos.

Tabela 3

Elementos com maior ou menor identificação frente o estímulo “amizade” em função das variáveis sexo e grupo

Dimensões da Amizade	<u>Sexo</u>								<u>Grupo</u>					
	Masc.		Fem.		<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p-value</i>	Modelo		Não-modelo				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>dp</i>	<i>p-value</i>
Intimidade	4.21	2.08	4.85	2.67	1.46	111	.14	4.68	2.20	4.38	2.62	0.68	111	.49
Ciúme	7.42	2.81	8.67	2.38	1.17	21	.25	7.57	3.20	8.70	1.42	1.16	19	.25
Confiança	2.75	2.46	2.61	2.37	0.30	116	.76	2.54	2.03	2.91	2.75	0.60	107	.25
Cuidado	6.43	1.95	5.40	2.02	2.65	103	.009**	5.85	1.97	6.00	2.13	0.37	102	.70
Tempo	4.91	2.79	6.80	2.13	4.01	103	.000***	5.15	2.79	6.63	2.26	3.09	108	.003**
Conflito	8.43	2.50	7.00	3.31	0.90	11	.38	8.11	2.20	7.00	2.66	0.56	5	.59
Respeito	3.92	2.19	3.56	2.30	0.85	116	.39	3.75	2.07	3.73	2.42	0.04	113	.96
Falsidade	9.50	0.70	-	-	-	-	-	9.00	0.65	10.0	-	-	-	-
Submissão	-	-	-	-	-	-	-	10.0	-	10.0	-	-	-	-
Cobrança	8.00	2.83	7.83	2.04	0.13	13	.89	7.50	1.97	8.20	2.82	0.58	13	.57

Proximidade	6.81	2.04	5.84	2.07	2.44	105	.01**	6.78	1.89	5.88	2.21	2.29	105	.02*
Beleza física	2.05	0.93	8.97	1.95	0.07	58	.94	9.27	1.36	8.57	2.38	1.40	39	.16
Honestidade	9.00	1.81	4.32	2.16	1.67	115	.09	4.78	2.14	4.47	1.98	0.82	115	.41
Concorrência	4.95	1.92	9.00	1.41	-	-	-	8.00	0.85	9.50	0.71	-	-	-
Desapego	7.50	2.77	8.42	2.19	0.78	13	.91	8.40	1.77	7.70	2.98	0.63	15	.53
Tolerância	6.36	2.44	6.73	2.25	0.76	89	.44	7.39	1.82	5.85	2.51	3.53	94	.000***
Rivalidade	-	-	-	-	-	-	.-	8.00	0.58	9.50	0.71	-	-	-
Traição	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coerção	1.57	1.00	7.92	3.25	0.60	14	.55	7.40	3.56	8.00	2.12	0.45	15	.65
Dedicação Mútua	4.07	1.11	5.31	2.60	0.33	107	.74	4.58	3.10	5.88	2.61	2.44	112	.01**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

Fonte. Os autores.

Para o sexo masculino, os cinco elementos mais importantes foram: 1. Confiança; 2. Respeito; 3. Intimidade; 4. Tempo e; 5. Honestidade. Para o sexo feminino, os cinco elementos foram: 1. Confiança, 2. Respeito; 3. Honestidade; 4. Intimidade e; 5. Dedicação Mútua. Para o grupo de modelos, os cinco principais elementos são: 1. Confiança; 2. Respeito; 3. Dedicação Mútua; 4. Intimidade e; 5. Honestidade. Por sua vez, o grupo de não modelos apresentou a seguinte ordem: 1. Confiança, 2. Respeito; 3. Intimidade; 4. Honestidade e; 5. Tolerância.

O elemento “tempo” apresentou diferença significativa para os sexos [$t(103) = 4.01$; $p < .0001$], considerado mais importante para o sexo masculino do que para o sexo feminino. Os elementos “proximidade” e “cuidado” apresentaram diferença significativa, respectivamente [$t(105) = 2.44$; $p < .05$] e [$t(103) = 2.65$; $p < .01$], sendo considerado um elemento mais importante para o sexo feminino do que para o sexo masculino.

Em relação aos grupos, os elementos “tolerância” e “proximidade” apresentaram diferenças estatisticamente significativas, respectivamente [$t(94) = 3.53$; $p < .01$] e [$t(105) = 2.29$; $p < .05$], sendo considerado um elemento mais importante para o grupo de não modelos do que para o grupo de modelos. Já os elementos “tempo” e “dedicação mútua” foram considerados mais importantes para o grupo de modelos em relação ao grupo de não modelos,

apresentando diferenças estatisticamente significativas, respectivamente [$t(108) = 3.09; p < .01$] e [$t(112) = 2.44; p < .01$].

Observa-se que os elementos com ordem média de importância abaixo da ordem média geral são aquelas com polaridade positiva – exceto “beleza física”, que alterou sua polaridade em relação a sexo e grupo. Isto sugere que os participantes, de modo geral, atribuem às relações de amizade prioritariamente conteúdos positivos.

Com relação ao instrumento de afirmações sobre a influência da beleza física no estabelecimento de amizade, a média geral foi 2.66 ($DP = 1.24$). A Tabela 4 apresenta as afirmações sobre a relação entre amizade e beleza física, bem como a média e desvio padrão dos resultados.

Tabela 4

Distribuição do escore geral dos participantes nos itens da escala de amizade e beleza física

Item	M	DP
1. Acredito que pessoas bonitas possuem mais amigos que as outras pessoas.	2,34	1,14
2. Acho que pessoas bonitas têm poucos amigos.	2,88	1,36
3. Penso que pessoas bonitas se sentem excluídas por pessoas do mesmo sexo, pois são invejadas.	3,42	1,31
4. Penso que a beleza física contribui para as pessoas fazerem novos amigos.	2,21	1,11
5. Acho que as pessoas querem ser amigos de pessoas bonitas apenas por interesse.	2,91	1,23
6. Pessoas bonitas só querem ser amigas de outras pessoas bonitas.	2,07	1,06
7. A beleza física não influencia nas relações de amizade.	2,73	1,50
8. Penso que uma pessoa muito bonita não tentaria iniciar uma amizade com alguém que não fosse bonito.	2,05	1,15
9. Acredito que a beleza é um fator importante para iniciar uma amizade.	2,17	1,22
10. Acredito que pessoas bonitas são mais abertas para iniciar amizades, pois são mais seguras.	2,88	1,35

Fonte. Os autores

De acordo com os resultados da Tabela 4, para o sexo masculino, pessoas bonitas se sentem excluídas por pessoas do mesmo sexo, pois são invejadas, além de acharem que as pessoas só querem ser amigos de pessoas atraentes por interesse, e que pessoas bonitas são

mais abertas para iniciar amizades, pois são mais seguras. Para o sexo feminino, as pessoas bonitas possuem poucos amigos, e sentem-se excluídas por pessoas do mesmo sexo, pois são invejadas. Também acreditam que as pessoas só querem ser amigos de pessoas bonitas por interesse, que a beleza não influencia nas relações de amizade, mas que pessoas bonitas são mais abertas para iniciar amizades, pois são mais seguras.

O escore baixo nos itens 2 e 5 para o sexo masculino e alto para o sexo feminino apontam que para as mulheres, tais itens são complementares, ou seja, as pessoas bonitas possuem poucos amigos, sendo que muitas pessoas se aproximam por interesse, sugerindo que não consideram isso como uma relação de amizade. Já para os homens, esta ligação pode não ocorrer. Além disso, segundo os resultados das mulheres, a beleza física não influencia nas relações de amizade, enquanto que, para os homens, a beleza física tem maior influência.

Em relação aos resultados dos grupos, para o grupo de modelos, as pessoas bonitas possuem poucos amigos, sentem-se excluídas por pessoas do mesmo sexo e acreditam que as pessoas só querem ser amigos de pessoas bonitas por interesse. Contudo, acreditam que a beleza é um fator importante para iniciar uma amizade, sendo que pessoas bonitas são mais abertas para iniciar amizades, pois são mais seguras. Logo, para este grupo, embora a beleza física possa trazer problemas no estabelecimento de relações de amizade, tais como inveja e poucos amigos, ainda consideram-na um fator importante no estabelecimento de amizades.

O grupo de não modelos acredita que as pessoas bonitas possuem mais amigos que as outras pessoas, e que a beleza física contribui para fazerem novos amigos. Contudo, também apontam que a beleza física não influencia nas relações de amizade e que as pessoas bonitas são mais abertas para iniciar amizade, pois são mais seguras. Percebe-se que as opiniões dos grupos são divergentes, estando em dois pólos distintos.

Discussão

O estudo objetivou investigar as RS da amizade e a influência da beleza no estabelecimento dessas relações. Além de identificar as representações sociais desse fenômeno, o estudo apresentou resultados consistentes com a hipótese de pesquisa.

O primeiro aspecto importante refere-se à diferença das médias sobre a quantidade de amigos com e sem definição operacional. Isto pode ter ocorrido devido à palavra “amigo” ser utilizada de modo mais generalista na atualidade, empregada de modo único para designar níveis distintos de amizade, como coleguismo ou conhecidos, por exemplo. As redes sociais virtuais têm contribuído com esta nova compreensão, uma vez que definem como amigos todos aqueles que possuam vínculo virtual em determinado grupo (Assunção & Matos, 2014). Quando comparadas com relações entre pessoas não consideradas como amigas, as relações de amizade apresentam características distintas, como: maiores laços afetivos, resolução de conflitos mais frequente, maior atividade social, maior intimidade e reciprocidade e desempenho mais efetivo em tarefas (Newcomb & Bagwell, 1995).

Com relação aos resultados provenientes dos instrumentos de identificação e importância, ambos os sexos e grupos identificam de forma homogênea os elementos mais significativos associados à amizade: confiança, respeito, intimidade, honestidade e cuidado. Isto leva a crer que, nos valores, crenças e atitudes dos participantes frente às relações de amizade, existem aspectos centrais na compreensão do que é este vínculo, sendo tais elementos socialmente partilhados. Estes resultados vão ao encontro da própria concepção de RS proposta por Jodelet (2001), enquanto forma de conhecimento elaborado e partilhado socialmente, com um objetivo prático, convergindo para a construção de uma realidade comum a um grupo social sobre um determinado objeto.

O elemento “confiança” se apresentou como mais importante para os participantes, em função de sexo e de grupo. Apesar de ser uma expressão bastante utilizada no cotidiano das

pessoas, se apresenta como um constructo complexo, com uma ampla variedade de significados possíveis, como: forma de comportamento (Currell & Judge, 1995), expectativa sobre a conduta de outro (Doney, Cannon & Mullen, 1998); atitude (Costa, Roe, & Taillieu, 2001; Jones & George, 1998); lealdade e confiança (McAllister, 1995); valor cultural (Harris & Dikken, 1999); pensamentos, sentimentos e intenção comportamental (McKnight, Cummings & Chervany, 1998), dentre outros aspectos. Infere-se que a confiança seja o elemento mais importante pois através dela se desenvolvem os demais elementos, e por seqüência, o estreitamento do vínculo.

O elemento “respeito” foi visto por ambos os sexos e grupos como o segundo elemento mais importante associado à amizade. Embora não se tenha encontrado estudos específicos sobre a relação entre respeito e amizade, sabe-se que este elemento se apresentou em outros estudos sobre os componentes da amizade (Bell, 1981; Blieszner & Adams, 1992; Duarte & Souza, 2010; Fehr, 1996; Parks & Floyd, 1996).

O elemento “intimidade” também se fez presente como um dos atributos centrais nas RS da amizade, considerando que, através da intimidade, os indivíduos podem encontrar apoio emocional. Isto vai de encontro a uma perspectiva contemporânea de que grande parte dos relacionamentos atuais tende a existir sem a necessidade de intimidade ou desenvolvimento da relação (Duck & Perlman, 1985). Conforme demonstram os resultados, uma das motivações e expectativas frente às relações de amizade é a importância da intimidade. A intimidade se apresenta de forma tão central nas relações de amizade, que Fehr (1996) define-a como sendo “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra” (p. 7). Portanto, vem a ser um importante elemento na construção das RS da amizade, considerando a associação deste elemento com o objeto social amizade.

A “honestidade” também se fez presente entre os cinco elementos mais importantes associados à amizade, para ambos os sexos e grupos, estando presente em outros estudos desta temática (Argyle, 2001; Argyle & Henderson, 1985; Bell, 1981; Cole & Bradac, 1996; Duarte & Souza, 2010; Souza & Hutz, 2008). Em estudo conduzido por Duarte e Souza (2010), a honestidade adentrou na categoria intimidade, juntamente com proximidade, sinceridade e segredos, considerando que, na amizade se busca compartilhar sentimentos e opiniões de forma sincera e honesta.

O sexo feminino e o grupo de modelos trouxeram como importante o elemento “dedicação mútua” em uma amizade, apresentando diferença estatisticamente significativa do grupo de modelos em relação ao grupo de não modelos tanto na escala de importância quanto na escala de identificação. De acordo com diversos autores, a dedicação mútua necessita ser igualitária, o que indica a importância da relação, sendo ela mutuamente reconhecida e mantida (Argyle, 2001; Bell, 1981; Bukowski & Hoza, 1989; Garcia, 2005b). Contudo, segundo Leiter (1977), é possível esta reciprocidade seja um produto proveniente da amizade, e não um determinante dela.

Para o sexo masculino, o elemento “tempo” se constitui um dos elementos mais importantes para uma amizade. Alguns estudos têm sugerido que amizades entre pessoas do sexo feminino possuem melhor qualidade que do sexo masculino, pois favorecem a intimidade, proximidade, satisfação, diversão e trocas afetivas, enquanto os homens priorizam o tempo investido em suas amizades, valorizando atividades conjuntas (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988). Estudos apontam que elementos como intimidade, proximidade e companheirismo são provenientes do tempo de amizade, à medida que os amigos se tornam mais próximos (Cole & Bradac, 1996; Maeda & Ritchie, 2003; Rezende, 2002).

Voltando-se à temática da influência da beleza física nas amizades, os posicionamentos dos grupos de participantes foram divergentes. Estudos apontam a aparência física como um dos atributos que aparecem nas investigações sobre amizade (Argyle & Henderson, 1985; Bell, 1981; Cole & Bradac, 1996; Maeda & Ritchie, 2003; Mendelson & Aboud, 1999; Monsour, 1992; Parks & Floyd, 1996), embora não seja considerado um elemento central quando relacionado à amizade, conforme se observou nos resultados para os participantes. Ainda que o elemento “beleza física” tenha apresentado maior importância para o grupo de modelos do que para o grupo de não modelos, as médias gerais não apresentam valores importantes. Porém, a polaridade também foi um diferenciador, sendo considerada negativa para o sexo feminino e o grupo de não modelos, e positiva para o sexo masculino e para o grupo de modelos.

O fato da beleza física de não estar tão associada a relações de amizade nesta pesquisa pode ser analisado a partir do que pontua Bell (1981) de que a possibilidade de romance altera profundamente as relações de amizade. A ideia de que a beleza física seja considerada socialmente como algo superficial e não merecedora da mesma consideração que os outros atributos também pode ter influenciado as respostas, devido à deseabilidade social (Schlösser & Camargo, 2015).

A influência da beleza física no estabelecimento de amizades ficou mais evidente na escala de afirmações, sendo possível verificar as diferenças entre os sexos e os grupos. Os resultados vão ao encontro do estudo realizado por Ornelas (2010) acerca da influência dos perfis cognitivos e características pessoais na preferência por potenciais amigos. Em seus resultados, os participantes apontaram que as pessoas bonitas são vistas como mais ricas, seguras e desejadas. Além disso, verificaram que tanto o sexo masculino quanto feminino evitavam amizade com pessoas do mesmo sexo que fossem considerados mais bonitos.

Com relação à associação entre beleza física e segurança para estabelecer amizades, o estudo de Ornelas (2010) apresenta também resultados semelhantes. Tendo em vista que se associam à beleza física riqueza e segurança, os homens se sentem mais dispostos a iniciar relações sociais com desconhecidos mediante sentirem-se financeiramente seguros, enquanto as mulheres priorizariam o atributo da beleza, ou seja, quando mais se consideravam bonitas, mas dispostas estariam em iniciar amizade com um desconhecido. Contudo, vale ressaltar que no presente estudo não se buscou verificar em qual aspecto a segurança estava sendo associada ao estabelecimento de amizade, sabendo-se apenas que foi considerado um elemento importante.

Percebeu-se também a diferença entre os grupos. Enquanto o grupo de modelos aponta ter dificuldades em estabelecer amizades – tanto com pessoas do mesmo sexo quanto com o sexo oposto -, pois sentem que as pessoas têm outros interesses além do vínculo de amizade, o grupo de não modelos acredita que pessoas belas têm muitos amigos e que a beleza contribui para se ter novos amigos. Este dado vai ao encontro de estudos anteriores, que apontam que pessoas bonitas podem apresentar problemas em relação a estabelecer amizades (Etkoff, 1999; Kenrich & Gutierrez, 1980; Ornelas, 2010), uma vez que são invejadas por pessoas do mesmo sexo e desejadas sexualmente por pessoas do sexo oposto. A opinião do grupo de não modelos pode ser explicada através da *teoria do efeito halo* (Rosenzweig, 2007), que considera que a avaliação de uma característica interfere no julgamento das demais. De acordo com Etkoff (1999), as pessoas bonitas são consideradas mais populares, inteligentes, confiantes, sexualmente excitantes, experientes, com maior oportunidade de flertes e de ter amigos, sendo que tal dado pode ser verificado nos resultados.

A questão de grupo social e identidade social também são evidenciadas nesta problemática entre os grupos. Os participantes dos dois grupos apresentaram posicionamentos conflitantes, uma vez que apresentam diferentes experiências sobre a relação entre beleza

física e amizade, o que gera RS diferenciadas. Em vista disso, as características grupais semelhantes são importantes na determinação do espaço de vida do indivíduo, e por consequência, em seu comportamento. Somando-se a isso, para Tajfel (1974) a teoria da identidade social se refere tanto à consciência que um indivíduo possui de pertencer a um determinado grupo social, quanto à carga afetiva e emocional que esta presença traz ao sujeito. Nos resultados, percebeu-se que os grupos profissionais e por sexo possuem posicionamentos mais homogêneos, além de apresentar estereótipos de outros grupos. A identidade social se cria através das relações intergrupais, nas relações concretas (fusões ou conflitos), que mediam o processo de identidade social. Quanto mais forte a identidade do sujeito em seu grupo, maior será sua tendência de supervalorizar seu grupo e desvalorizar os outros (Torres & Camino, 2011).

Uma consideração importante do estudo é a ênfase da dimensão afetiva das RS, uma vez que falar de relações de amizade é adentrar num território fortemente marcado por afetos. Os elementos trazidos pelos participantes, como confiança e intimidade, trazem em seu cerne uma importante contribuição aos estudos da dimensão afetiva das RS, reconhecendo assim o papel da esfera emocional na formação das RS. De acordo com Campos e Rouquette (2003), se consideramos que uma representação é uma forma de conhecimento estruturado, possuindo um papel determinante no modo como os indivíduos vêm e reagem face à realidade, fica claro que este conhecimento é dotado de cargas afetivas. Esta dimensão afetiva tende a influenciar, organizar ou determinar cognições e comportamentos avaliativos, podendo apresentar resultados mais difusos, tendo em vista que mais de um elemento central é apresentado.

Considerações finais

O presente estudo pôde verificar tanto as representações sociais da amizade quanto a influência da beleza física no estabelecimento destas relações. Verificou-se que, de forma geral, os participantes possuem valoração semelhante aos atributos que constituem as relações

de amizade e, dada esta generalização, apresenta fortes indícios de que estes elementos realmente sejam conteúdos representacionais frente à amizade.

Vincular a beleza física como possível influenciador de relações de amizade pode ser considerado um tema tabu, visto socialmente como negativo. Contudo, verificou-se que, embora vista negativamente em muitos casos, esta influência realmente ocorre, a partir das respostas dos participantes. Em relação à metodologia utilizada, diversas estratégias metodológicas foram utilizadas visando abarcar o maior número de possibilidades para compreender o fenômeno da beleza física em sua relação com a amizade. Para tanto, além da teoria das representações sociais, a teoria da atração interpessoal também foi utilizada como arcabouço teórico. O presente estudo possui algumas limitações. Há uma escassez de estudos sobre RS da amizade em território nacional e internacional, o que necessitou de um esforço maior para analisar os resultados à luz das RS, visando verificar se existem possíveis aspectos representacionais, sendo necessário fazer uso da teoria da atração interpessoal e demais teorias da psicologia social. Faz-se necessário dar continuidade a estes estudos, aumentando a população da amostra e diversificando as faixas etárias, além de fazer uso de outros métodos de pesquisa, aqui não enfocados.

Referências

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representações sociais* (pp. 27-38). AB.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2 ed.) Routledge.
- Argyle, M., & Henderson, M. (1985). The rules of relationships. In S. Duck & D. Perlman (Eds.), *Understanding personal relationships* (pp. 63-84). Sage.
- Azevedo, L. G. N. G., Ferreri, M. de A., Chaga, L. C., Faria, W. de S., Nascimento, G. B., & Almeida, L. M. de. (2015). Experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir da teoria dos afetos de Espinosa. *Psicologia USP*, 26(2), 208-220.
- Barbetta, P. A. (2012). *Estatística aplicada às ciências sociais* (8ª ed.) Ed. UFSC.
- Bee, H. (2007). *O ciclo vital*. Artmed.
- Bell, R. (1981). *Worlds friendship*. Sage.
- Berger, K.S. (2003). *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. LTC.
- Berscheid, E., & Regan, P. (2005). *The psychology of interpersonal relationships*. Upper Saddle River: Pearson.
- Bleske, A. L., & Shackelford, T. K. (2001). Poaching, promiscuity, and deceit: combating mating rivalry in same-sex friendships. *Personal Relationships*, 8, 407-424.
- Bliezner, R., & Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. Sage.
- Bukowski, W. M., & Hoza, B. (1989). Popularity and friendship: Issues in theory, measurement, and outcome. In T. J. Berndt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development* (pp. 15-45). Wiley.
- Cacioppo, J. T., & Bernston, G. G. (2001). Social neuroscience. In W. E. Craighead & C. B. Nemeroff (Eds.), *The Corsini encyclopedia of psychology and behavioral science* (pp. 1568-1569). Wiley.

- Campos, E. A. (2004). As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. *Caderno de Saúde Pública*, 20(5), 1379-1387.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M.-L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 435-445.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 393-409.
- Cole, T., & Bradac, J. J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with Best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1), 57-83.
- Costa, A. C., Roe, R. A., & Taillieu, T. (2001). Trust within teams: the relation with performance effectiveness. *European Journal of work and organizational psychology*, 10 (3), 225-244.
- Currall, S., & Judge, T. (1995). Measuring trust between organizational boundary role persons. *Organizational behavior and human decision processes*, 64, 151-170.
- DeSousa, D. A. de., & Cerqueira-Santos, E. (2011b). Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 28(3), 345-356.
- DeSousa, D. A. de., & Cerqueira-Santos, E. (2012). Relacionamentos de amizade íntima entre jovens adultos. *Paidéia*, 22(53), 325-333.
- DeSousa, D. A., & Cerqueira-Santos, E. (2011a). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Revista de psicopedagogia*, 28(85), 53-66.
- Doney, P. M., Cannon, J. P., & Mullen, M. R. (1998). Understanding the influence of national culture on the development of trust. *Academy of Management review*, 23(3), 601-620.
- Duarte, M. C., & Souza, L. K. (2010). O que importa em uma amizade? A percepção de universitários sobre amizades. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 4, 271-290.

- Duck, S., & Perlman, D. (1985). The thousand islands of personal relationships: A descriptive analysis for future explorations. In S. Duck & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: an interdisciplinary approach* (pp. 1-15). Sage.
- Etcoff, N. (1999). *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Objetiva.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Sage.
- Garcia, A. (2005). *Relacionamento interpessoal: olhares diversos*. GMGráfica e Editora Ltda.
- Gomes, L. G. N., & Silva Junior, N. (2014). Experimentação política da amizade na internet. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 384-396.
- Harris, S., & Dibben, M. (1999). Trust and Co-operation in business: relationship development: exploring the influence of national values. *Journal of Marketing Management*, 15, 463-483.
- Inácio, C. A. P. de A. (2011). *Representações de Amizade em Jovens com Deficiência Mental* [Dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Universidade Nova de Lisboa].
- Jesus, J. G. de (2011). Atração e repulsa interpessoal. In C. V. Torres & E. R. Neiva (e cols.). *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 238-252). Artmed.
- Jodelet, D. (1994). Le corps, la personne et autrui. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale des relations à autrui* (pp. 41-68). Nathan.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-29). Eduerj.
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de représentation du corps et groupes sociaux* (relatório vol. 1) Laboratoire de Psychologie Sociale.
- Jones, D. (1991). Friendship satisfaction and gender: An examination of sex differences in contributors to friendship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 167-185.

- Jones, G. R. & George, J. M. (1998). The experience and evolution of trust: implications for cooperation and teamwork. *Academy of Management review*, 23(3), 531-546.
- Jorge, K. O., Cota, L. O., Ferreira, E. F., Vale, M. P., Kawachi, I., & Zarzar, P. M. (2015). Tobacco use and friendship networks: a cross-sectional study among Brazilian adolescents. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1415-1424.
- Kenrick, D. T., & Gutierrez, S. E. (1980). Contrast effects and judgments of physical attractiveness: when beauty becomes a social problem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 131-140.
- Leiter, M.P. (1977). A study of reciprocity in preschool play groups. *Child Development*, 48, 1288-1295.
- Lisboa, C. & Koller, S. H. (2003). Amizade e vitimização: Fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais. *Psico*, 34(1), 57-70.
- Maeda, E. & Ritchie, L. D. (2003). The concept of shinyuu in Japan: A replication of and comparison to Cole and Bradac's study on U.S. friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(5), 579-598.
- McAllister, D. J. (1995). Affect – and Cognition – based trust as foundations for interpersonal cooperation in organizations. *Academy of Management Journal*, 38 (1), 24-59.
- McKnight, D. H., Cummings, L. L., Chervany, N. L. (1998). Initial trust formation in new organizational relationships. Academy of Management. *The Academy of Management Review*, 23(3), 473-490.
- Mendelson, M. J. & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 31(2), 130-132.
- Mendelson, M. J. & Rhee, A. (2003). Positive feelings in friendship: Does imbalance in the relationship matter? *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(1), 101-116.

- Michels, L. R. F., Cordeiro, M. H. V. & Tavares, P. C. (2011). Representações sociais sobre um colégio de aplicação: um estudo com os professores. *Revista Diálogo Educacional*, 11(33), 397-416.
- Monsour, M. (1992). Meanings of intimacy in cross and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 277-295.
- Moreira, F. R. (2009). *Adolescentes: (des)amparo e vida psíquica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Vozes.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. (1995). Children's Friendship Relations: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 117(2), 306-347.
- Oliveira, D. C. de, Gomes, A. M. T., Marques, S. C. & Thiengo, M. A. (2007). "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 497-502.
- Ornelas, C. O. (2010). *Uma análise da amizade sob a perspectiva evolucionista: influência dos perfis cognitivos e das características pessoais na preferência por potenciais amigos* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].
- Parks, M. R. & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80-97.
- Peron, S. I., Guimarães, L. S. & Souza, L. K de (2010). Amizade na adolescência e a entrada na universidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 664-681.
- Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. FGV.

- Rocha, R. M. G., & Raseira, E. F. (2015). Sentidos sobre a Amizade Entre Travestis: Construção de Repertórios Interpretativos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 31*(2), 239-247.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2005). *Psicologia Social* (25 ed.). Vozes.
- Rosenzweig, P. (2007). *The Halo Effect...and the Eight Other Business Delusions That Deceive Managers*. Free Press.
- Rubin, Z. (1982). *As amigas das crianças*. Dom Quixote.
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2015). Aspectos não explícitos das representações sociais da beleza física em relacionamentos amorosos. *Psicologia e Saber Social, 4*(1), 89-107.
- Silva, N. P. (2015). Valores priorizados por estudantes universitários de um curso de psicologia de uma universidade pública. *Educação e Pesquisa, 41*(2), 391-407.
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007a). A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill. *Aletheia, 25*, 82-96.
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007b). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico (PUCRS), 38*, 125-132.
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo, 13*(2), 257-268.
- Souza, L. K. (2006). *Amizade em adultos: adaptação e validação dos questionários MCGILL e um estudo de diferença de gênero* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Souza, L. K., & Duarte, M G. (2013). Amizade e bem estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 29*(4), 429-436.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information, 13*(2), 65-93.

- Torres, A. R. R., & Carmino, L. (2011). Grupo social, relações intergrupais e identidade social. (pp. 215-240). In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias*. Technopolitik.
- Tortella, J. C. B., Vivaldi, F. M. de C., & Souza, L. K. (2012). Amizade e fracasso escolar. *Educativa, 15*, 1, 143-152.
- Vala, J. (2006). Representações sociais e a psicologia social do conhecimento cotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social*. 7ª ed. (pp. 457-502). CalousteGulbenkian.
- Vala, J., & Monteiro, B. (2006). *Psicologia Social (7ª Ed.)*. Fundação CalousteGulbenkian.
- Vala, J., & Monteiro, B. (2006). *Psicologia Social (7ª Ed.)*. Fundação CalousteGulbenkian.
- Vigil, J. M. (2007). Asymmetries in the friendship preferences and social styles of men and women. *Human Nature, 18*, 143-161.
- Wright, P. (1988). Interpreting research on gender differences in friendship: A case for moderation and a plea for caution. *Journal of social and Personal Relationships, 5*, 367-373.